

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 2000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 2500 Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros..... 1500 Numero avulso..... 500	N.º 62	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

SER OU NÃO SER

Dizia o poeta que a questão era esta, e esta é com efeito a questão:—*ser ou não ser*.

Não nos illudámos já. O momento é sobremaneira temeroso e grave, para procurarmos vestir com rebuços ou disfarçar com phantasias a Verdade nua, na sua nudez immaculada e intangível, que a todos se impõe e a todos nos faz curvar assombrados e submissos.

Esta antiga e livre patria portugueza chegou á hora extrema, á hora solemne e augusta de por um colossal e unanime esforço, para não se suicidar vergonhosamente, morrer n'um supremo arranque de gloria, ou rasgar de vez os liames inficionados e podres que até agora a têm prendido a uma atmosphera deletéria, a uma intriga venenosa, e a uma politica sem elevação.

Ou agora ou nunca mais.

É preciso que todos, mais positivamente e resolutamente todos, nos decidamos a assentar o que queremos e como o queremos.

Esta revista, que na linha atormentada e difficil-tosa que, com varias intermitencias, tem vindo percorrendo ha mais de tres annos, nunca fez politica, e que nas suas columnas apreciou sempre n'um ponto de vista imparcial e sereno, e com intuitos exclusivamente doutrinarios e scientificos as questões que mais de perto respeitavam ao nosso modo de ser social, como a questão do ensino, a questão industrial e a questão do trabalho; esta revista, que em sessenta e dois numeros publicados jamais se afastou um apice da disciplina philosophica que deve reger todos os espiritos sinceramente devotados ao triumpho das idéas, que no conflicto intellectual contemporaneo mais somma de justicia tenham por seu lado e melhor representem a civilisação, pôde bem ter o desassombro de afirmar que chegou para Portugal o instante sagrado de se afirmar nobremente n'essa civilisação e n'esse conflicto, dizendo aos politicos de varios tons e aos estadistas de diversas procedencias que até agora mais não têm feito do que derrancal-o economicamente, illudil-o politicamente e enfraquecel-o diplomaticamente, que precisa, e mais do que isso, *exige vida nova e processos novos*.

Um meio que entibia ou inutilisa as melhores vontades e as mais bellas intelligencias, que desmoralisa uns e que inquina outros, que paralysa os esforços bem intencionados de tantos, que desvirtua as medidas suggestivas e altas de alguns poucos, e que finalmente baralha, macula, desfibra e amolece tudo e todos, é forçosamente um meio corrompido e mephitico que carece sem demora de uma funda e larga sanificação.

Pôde esta operar-se sem um poderoso revulsivo? Dizem uns que não, affirmam outros que sim, e ainda aventam alguns que talvez.

Nós, sem pretendermos, apenas com quatorze annos de vida litteraria, decidir o que outros mais velhos e por todos os titulos mais experientes e mais esclarecidos, não se atrevem a fazer, inclinâm-nos no entretanto a acreditar que quicá seria possível substituir esse reagente por elementos que, sem serem menos efficazes, fossem, não obstante, menos arriscados, e por isso mesmo menos perigosos ou tumultuarios.

Bastava que *todos*, mas, repetimos, positivamente *todos*, se resolvessem a *querer*, intervindo com a sua força e com o seu criterio na resolução dos problemas que directamente implicam com a existencia e com a integridade do que nós atrás chamámos a livre patria portugueza.

Não contestámos que entre tanta cousa inutil ou simplesmente idiota que se tem feito ha cincoenta annos a esta parte, entre tantas outras que, mais do que inuteis ou idiotas, foram e têm sido criminosas e degradantes, attentando a um tempo contra a nossa dignidade social e contra a nossa independencia historica, algumas, ou mesmo muitas, se haverão realiado fecundantes, generosas e patrioticas.

Aqui mesmo já nós tivemos ensejo de applaudir politicos de oppostas agremiações, que totalmente se não haviam esquecido de que, pelo menos ao lado dos seus partidarios ou das suas conveniencias, existia o paiz, e existiam cidadãos; mas — Santo Deus — gotas de agua n'um oceano de incuria, ellas marcam apenas, como balizas perdidas ou como pontos estranhos, os recifes que bem perto afloram, e o resultado ha sido este que desgraçadamente agora todos começamos a perceber!

Ora, é urgente que isto não se procrastine por mais tempo; é mister que uma grande lixivia salva-

dora desencarda e esclare tantos aspectos negros d'este desventurado paiz, e que a soberania nacional seja a final alguma cousa mais que um anodyno e litterario euphemismo.

Como exercer esta soberania?

De uma forma simples: subtrahindo para sempre á acção dissolvente e conturbante de certos elementos o funcionamento do mechanismo politico-social.

Ha n'esses elementos unidades que estão moralmente mortas e absolutamente desacreditadas; ha outras que precisam de reverter á situação subalterna e secundaria de onde nunca deveriam ter saído, visto a experiencia haver demonstrado, por um modo bem dolorosamente pratico, que não eram feitas para as alturas a que fortuitas emergencias as tinham guindado; ha muitas, em summa, que não só não cooperam para o regular e harmonico andamento de todas as engrenagens d'esse machinismo, mas que até o perturbam e o retardam, contribuindo assim para a produção de phenomenos perigosos para o bem estar geral, e determinando oxydações ou rupturas que interessam o systema inteiro.

Conseguido isso, e nada seria mais facil, desde que determinadas correntes de opinião actuassem muito claramente e muito persistentemente, n'um tambem determinado sentido, o que essas unidades teriam a fazer seria retirarem-se para a obscuridade de onde só saíram por insofrida impaciencia ou lamentavel equivoco, e ahí, na escola commum da concorrência e do trabalho, procurarem adestrar-se para outras empresas ou lustrarem os seus nomes em outros campos.

Tal politico daria, por exemplo, um excellente professor, tal outro um fino litterato, aquelle um superior artista, este um sagaz financeiro; mas todos se deixariam de tentar salvar o paiz que, ao que se vê, se não souber salvar-se a si ainda mais perdido ficará.

Criam que escrevemos estas linhas sem o minimo rancor pessoal contra quem quer que seja, ainda mesmo contra aquelle ou aquelles que mais responsabilidades constituiram perante a Historia, os mortos, e perante os seus contemporaneos, os vivos, no geral aniquilamento a que isto chegou.

Estamos serenos e socegados a discreatear sobre este assumpto, porque sabemos recalcar, quando se faz mister, as paixões que tambem sentimos e as coleras que tambem nos agitam, e o que escrevemos, se é uma convicção muito arraigada e já muito antiga do nosso espirito, é igualmente, ou começa pelo menos a ser, a convicção dos que querem ver um pouco mais longe e mais alto, através da fumarada espessa que fazem no ar os interesses de uns e as inconveniencias de outros.

Passaram-se com demasiada facilidade em Portugal diplomas de estadistas a entidades que nenhuns titulos possuam para merecel-os, e algumas houve que só por que ordenaram a abertura de estradas ou a construção de caminhos de ferro, para todo o sempre foram elevadas á gloria, e tiveram convenientemente chumbado aos seus nomes o adminiculo de immortaes.

O que veiu a succeder foi começar a notar-se uma abundancia tal de homens de governo, ao mesmo tempo illustres e consagrados, que ainda hoje nos

admirâmos por que não se exportaram alguns para o estrangeiro—ou para as colonias, pelo menos.

Em igual periodo succedia, é certo, assim como tem continuado a succeder, não haver, por exemplo, um bom professor em determinadas cadeiras, nem um sabio creando trabalhos originaes no seu laboratorio ou no seu gabinete, nem um revolucionario organisador do nosso ensino industrial ou artistico, nem, finalmente, tantas outras individualidades de primeira plana em tantos dos numerosos nucleos que compõem uma nacionalidade; mas, que querem, se todos se tinham dedicado á melhor forma de, como se diz, salvar a patria, estudando o tão complicado e tão transcendente processo de fazer eleições, de transferir escritvães, de remodelar os impostos e de cozinhar orçamentos?

Tambem não é menos certo que a tísica dizimando-nos por anno dez mil victimas, que o consumo nacional abastecendo-se no estrangeiro de milhares de artigos que a industria caseira poderia produzir se a houvessem instruido e preparado; que os pontos mais salubres da nossa Africa occupados por estrangeiros, quando legiões de nacionaes iam apodrecer no Brazil ou nas ilhas Sandwich; que o regimen da nossa produção agricola e da cultura da terra, continuando improgressivo ou mantendo-se rotineiro e insciente, e empobrecendo a população e desmantelando a propriedade;—que tudo isto exigia o estudo, a sciencia e a dedicacão de muitas se não todas as intelligencias que uma vez passaram pelas culmancias do poder; mas, bem vêem que pensar n'isto tudo e pensar ao mesmo tempo em fabricar maiorias e em adestrar as urnas não poderia ser—e não tem sido.

Por isso todas essas cousas continuam umas como estavam, outras mais aggravadas, varias já se perderam, e o que resta levará o mesmo caminho se algum não gritar: basta.

Esse algum somos nós todos, pobres e ricos, brancos, pretos ou vermelhos, nobres ou plebeus, sabjos e ignorantes, emfim todos, pela palavra todos.

É costume dizerem as classes ricas e conservadoras que só ellas perdem com uma transformação ou com uma simples oscillação politica, economica ou social; e embora isto seja uma refinada needade, que o simples bom senso destroe, pois que se ellas têm muito a perder n'uma collisão inevitavel ou fatal, os pobres, os simples remediados e até os despreziveis proletarios, esses perdem tudo, o que sempre é mais que muito: não desconhecemos nem negamos que uma transformação brusca de processos poderia arruiná-las, com quanto arruinasse tambem o grande numero, pelas simples leis de reflexão e de equivalencia; mas precisamente para que ella se não dê, e com as consequencias temerosas e imprevisitas que d'ahi podem decorrer, é que seria uma obra de patriotismo e civilisação inutilisar para sempre, afastando-os da concorrência, os agentes da nossa decomposição e da nossa decadencia, que, como essas classes muito bem sabem, não estão nem entre os pequenos nem entre os obscuros.

Para ellas, como para as demais, a questão está posta: ser ou não ser.

Se preferem esta fermentação putrida, que acabará por nos contaminar a todos, fiquem-se no seu egois-

mo commodo, na sua indifferença sceptica, na sua estreiteza ôca, até que um cataclysmo qualquer nos acorde a todos, n'uma convulsão final; se querem viver, mas viver com idéas, e para as idéas, o que equivale dizer para os actos e para as obras, então unam fileiras, não se entredespedacem, nem se retaliem, e elevem-se pela sciencia, pela democracia, pela cohesão e pelo patriotismo até á montanha luminosa e alta de onde já uma vez o mundo inteiro os viu.

Sem estremecimentos, sem victimas quasi, sem vilanias, sobretudo, o que destoaria d'este periodo de tolerancia, que precisa tambem ser um periodo de solidariedade e para nós de verdadeira e indispensavel harmonia, tudo poderia obter-se, e se obteria, se um momento pensassemos e outro momento agissemos.

AFFONSO VAIGAS.

Setembro de 1890

A IMPRESSÃO REGIA HOJE IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

(Fragmentos de um livro inedito)

1788-1801

(Continuado)

A operação de collagem do papel e todos os mais processos indispensaveis para formar o cartão em condições regulares, executavam-se na propria fabrica: a duração, porém, das cartas manufacturadas de similhante modo devia ser, e era effectivamente, muito inferior á das preparadas, como hoje, em optimo cartão de Italia.

Os lucros da produção eram mui avultados, mas revertiam, n'uma boa parte, em beneficio directo do estado, constando de modo authentico que, só d'esta origem, entraram no erario regio, durante a administração de Manescal, 202:8327145 réis!

Com os interesses que lhe provinham de similhante fabricação pôde tambem, n'este periodo, a regia officina typographica, sem maior sacrificio, custear a despeza da impressão de muitos trabalhos para diferentes secretarias d'estado e outras repartições publicas, bem como a de importantes obras scientificas mandadas fazer por conta do estado, o que importou em algumas dezenas de contos de réis, auxiliando outrosim a real fabrica das sedas com a quantia de 53:4417926 réis, levantada do seu cofre por ordem da junta das fabricas do reino e aguas livres, quando esta teve a seu cargo a suprema inspecção da referida impressão regia.

Miguel Manescal da Costa, alem de artista insigne, era tambem um funcionario probo, zeloso e intelligente: habilitam-nos a affiançal-o o juizo de contemporaneos insuspeitos e respeitaveis¹, mas ainda mais o escrupuloso exame que hemos feito nos numero-

¹ «No tempo deste ministro falleceo o honrado Miguel Manescal da Costa, unico administrador que tivera a Impressão Regia desde a sua fundação, em favor da qual elle tinha desistido das imprensas da sua propria officina pelo ordenado annuo de 600,000 réis. Quanto foi util este administrador se não pôde ver do rendimento da mesma regia officina, que não só chegava para todas as despezas, mas entrava, de quando em quando, com avultadas sommas no Real Erario.» — *Recordações de Jacome Ratton* (Londres, 1813), pag. 167.

dos livros da escripturação d'aquelle tempo, todos arrumados pelo methodo mercantil, como havia sido superiormente recommendado, e a leitura da respectiva correspondencia e documentos que se encontram no archivo da imprensa nacional, por onde se demonstra a regularidade com que caminhavam todos os serviços, ainda os mais estranhos ás habilitações e conhecimentos de Manescal.

Sem, portanto, diminuir em cousa alguma o conceito em que devem ser tidos os artistas ou empregados que deixámos mencionados nos logares respectivos, nem tão pouco occultar ou escurecer os serviços que todos e cada um prestaram nos ramos que lhes estavam mais particularmente commettidos, é forçoso reconhecer que a Miguel Manescal da Costa, o insigne typographo, cabe a gloria de haver pelo menos corrido e cooperado eficazmente para que a impressão regia, no primeiro e largo periodo da sua existencia, correspondesse plenamente aos illustrados intuitos do grande e famoso fundador, fazendo com que se conservassem puras as boas tradições da arte n'esta como vasta escola normal da typographia em Portugal.

F. PEREIRA E SOUSA

MAURICIO DE GUÉRIN

(Continuado do n.º 59)

Continuemos fallando d'este divino visionario: Vejamos este periodo do seu *diario*:

«Dia 5. O mais bello dia que poderia desejar-se. Nuvens, apenas as bastantes para fazer no céu uma paizagem... Sentando-me ao sol para me repassar até á medulla d'esta divina primavera, senti algumas das minhas impressões de infancia: por um momento considerei o céu com as suas nuvens, a terra com os seus arvoredos, os seus cantos, os seus rumores, como fazia então. Esta renovação do primeiro aspecto das cousas, da physionomia que lhes achámos no nosso primeiro olhar, é quanto a mim uma das mais doces reacções da infancia sobre a corrente da vida.»

Ainda este outro de um sopro naturalista e pagão, que é quasi sempre o *motivo* dominante em Guérin:

«Se nós podessemos identificar-nos com a primavera! Forçar o pensamento ao ponto de imaginarmos aspirar em nós toda a vida, todo o amor que fermentasse na natureza! Sentirmo-nos ao mesmo tempo flor, verdura, passaro, canto, frescura, elasticidade, volupia, serenidade! O que seria de nós? Ha momentos em que á força de me concentrar n'esta idea e de contemplar fixamente a natureza julgo experimentar alguma cousa que se assimilha a isso...»

E vae tão longe o seu pantheismo de artista que, descrevendo umas longas o desenvolvimento da verdura, diz de mais folhas abertas de pouco tempo, que vendo-as tão tenras, tão frescas, tinha medo de tocar-lhes,—para que não perdessem a vida... E mais adiante n'uma pagina ampla, magestosa, vibrante de entusiasmo e de côr, diz-nos que já não ha flores nas arvores, porque cumprida a sua mis-

são de amar, morreram como morrem as mães, dando a vida aos filhos,—os fructos.

«... Uma geração incalculavel está suspensa dos ramos de todos os arvoresdos; presa ás fibras das mais humildes gramineas, como filhos do seio materno... Todos esses germens incontaveis em diversidade e em numero, se balouçam no seu berço entre o céu e a terra entregues ao vento que os impelle. As florestas futuras oscillam imperceptiveis ás florestas vivas. A natureza entrega-se inteira aos cuidados da sua immensa maternidade.»

São, porém, tantas as finas phrases sentidas ou profundas, litterarias ou simplesmente demonstrativas dos diversos *momentos* de espirito d'este poeta philosopho, que nem eu sei o que deva citar nem se citarei as melhores. A natureza e a paizagem, os dois grandes amores, os dois devotissimos cultos de Guérin, estão-lhe sempre a inspirar trechos tocados do mais bello, do mais communicativo entusiasmo, e basta abrir o *diario* ao acaso para achar descriptivos de um colorido soberbo, observações de uma intensidade rara.

Pintando o outono, escreve elle entre outros periodos este:

«As arvores que se isolam, quer pela sua posição, quer pela grandeza da sua altura, apparentam physionomias, caracteres, quasi diria rostos, que parece exprimir como que as paixões mudas e as desconhecidas cousas que se passam talvez sob o alborneo d'esses seres immoveis...»

A proposito das almas fracas, diz:

«Não tendo ellas azas para ascenderem ao céu, o Bom Deus, collocando-as sobre uma fogueira de espinhos, envia-lhes este depurativo—a dôr; e então, consumindo o que n'ellas era limo e ceno, eleva-se para o ar um vapor esbranquiçado, lembrando essas alvas pombas que desferiam o vôo de entre as chamas meio extinctas das fogueiras dos martyres...»

«Esse vapor, é a alma que consummou o seu sacrificio, e que o fogo das tribulações tornou bastante ligeira para que podesse elevar-se ao azul, como se eleva o fumo...»

O mar suggere-lhe tambem passagens admiraveis:

«Quanto a mim, é da voz grave e profunda que solta a vaga que se desfaz e do ruido pedregoso e miudo da onda que recua, roçando ligeiramente a areia e as conchas, que nasce esse timbre extraordinario do canto do mar.»

Mais longe a descripção de uma tempestade que elle presenciou—pintando-a com cores flagrantes de verdade,— a qual felizmente nenhuma victima fez, mas de que diz, concluindo:

«Ponhamos-lhe (ao oceano) um navio em perigo e n'esta scena de mar tudo muda de subito, e já não vemos senão o navio! Oh! Feliz quem pôde contemplar-o nas suas horas terriveis, sem risco para nenhum ser vivo...»

Definindo a felicidade, tem este conceito subtil e tocante:

«Le bonheur, c'est la pluie fine et douce qui pénetre l'âme, mais qui en jaillit après en source de larmes.»

E como é realmente a tristeza o fundo dominante do seu caracter, como são lagrimas que formam a trama da sua existencia, no seu caderno, a que elle dava uma alma e uma intelligencia, abundam os motivos que definem a sua estranha idiosyncracia e pintam as varias modulações da sua imaginação.

Assim, ouçam-n'ò, alludindo á necessidade de encontrar um coração que o comprehenda e que o ame:

«Preciso de um amor de compaixão. Nada tenho que possa proporcionar-me um d'aquelles como se vêem no mundo, amor de igual para igual, amor de almas similhantes, almas que vão uma para a outra, porque reciprocamente se julgaram grandes e bellas, como duas estrellas que, havendo-se avistado das duas extremas do céu, fossem encontrar-se através do espaço... Para ser amado tal qual sou, fóra necessario deparar-se-me uma alma que dobrasse o joelho diante da mais fraca, não para adoral-a, mas para a servir, para a consolar e para velar por ella, como se véla um doente; em resumo, uma alma de uma sensibilidade tão profunda como humilde, que se despisse o preciso d'esse orgulho, tão natural mesmo em amor, para sepultar o seu coração n'um obscuro affecto que o mundo não comprehenderia, e consagrar a sua vida a um ser debil, languescente e todo elle *interior*, resolvendo-se a concentrar todos os seus raios n'uma flor sem brilho, rachitica e sempre tremente, que lhe pagaria por certo muitos d'esses aromas que a doçura penetra e faz doces, mas nenhuns d'esses que embriagam e exaltam até á feliz loucura do extase...»

Confessem que é bello e sentido, e que n'essas doloridas linhas está esboçada a physionomia espirital de mais de um infeliz atormentado da vida, de mais de um d'esses queixosos corações que eternamente esperam o *fiat* redemptor dos corações seus iguaes...

AFFONSO VARGAS.

(Continúa)

O ALCOOL NOS VINHOS

Do assucar produz-se alcool e acido que, combinando-se com o alcool, formam os ethers, principal elemento de perfume em vinhos velhos, o oxygenio que auxilia a etherificação, e que modifica a côr e as materias adstringentes; mas do assucar procede tambem a glicerina, a base dos corpos gordos, que dão a impressão suave e oleosa. Já Plinio dizia que o famoso Maroneo se fazia gordo com o tempo.

O alcool, alem de emittir perfume, pois se torna ether, serve para tirar do vinho a côr e o corpo e limpá-o dos seus grosseiros elementos, torna insolúvel o tartaro, e como este é o corpo que conserva dissolvidas as materias albuminosas no vinho estas depositam-se com elle nas paredes das vasilhas e juntamente as materias côrantes e adstringentes.

DO EPISODIO PAOLO E FRANCESCA

Quero morrer contigo. Se o Destino
Nos ha de conduzir áquelle inferno
Em que abrasados no igneo torvelino
Se dão Paolo e Francesca o beijo eterno

CAMPOADOR.

AFRICA PORTUGUEZA

A VILLA DO DONDO

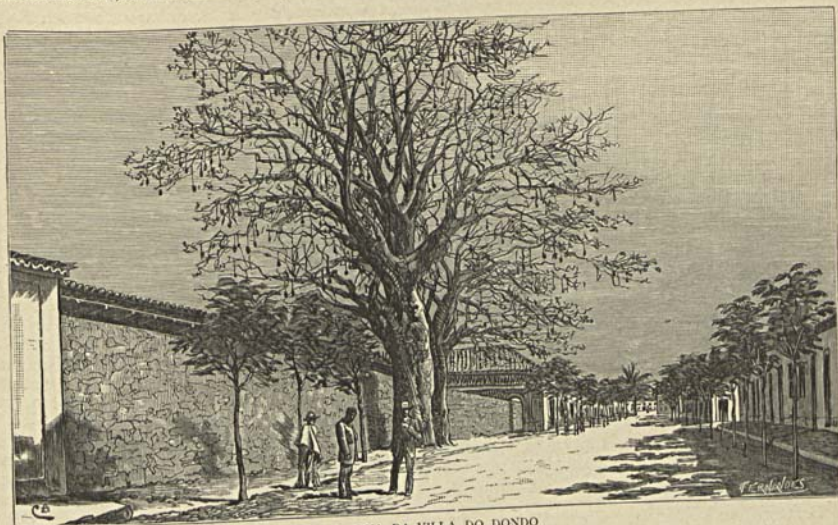
A villa do Dondo, na Africa occidental portugueza, provincia de Angola, está situada na margem direita do Quanza em 9° 4' de latitude S. do equador, e 14° 31' 36" E. de Greenwich, n'uma altitude de 63^m, 7; é limitada pelos rios Quanza e Mucozo e riacho Capacala.

Séde de um dos concelhos mais importantes de toda a provincia, o Dondo é uma povoação florescente, e de origem relativamente moderna, edificada em uma posição escolhida com

o melhor criterio no tocante aos interesses do commercio e da navegação. Pena é que não succeda o mesmo com respeito a condições hygienicas, que em verdade são ainda pouco favoraveis, embora possam melhorar-se, e tenham de certo melhorado successivamente, mercê dos esforços do sr. dr. Luiz Collaço, medico e presidente da respectiva camara municipal, o qual pôde dizer-se um verdadeiro benemerito pelo zelo infatigavel e dedicação intelligente com que se tem empenhado em promover os progressos e civilização da provincia que lhe foi berço.

Entretanto, e apesar da sua insalubridade, o Dondo, centro de um movimento considerabilissimo, cresce em população e em riqueza; ha ali grande numero de casas commerciaes, em relação directa com a metropole, encontrando-se na villa ser-taneja todos os generos e produções da Europa com abundancia e por preços bem pouco superiores aos da propria capital da provincia.

E de presumir que a importancia e opulencia da villa do Dondo, creada, para assim dizer, pelo estabelecimento da navegação a vapor no Quanza, se affirmem e augmentem em enorme escala com o avanço da linha do caminho de ferro de Loanda a Ambaca, que ali deve ter uma das suas estações.



UMA RUA DA VILLA DO DONDO

Calcula-se em mais de 5:000 o numero de habitantes da villa do Dondo, onde se encontram alguns predios de construção regular, em ruas largas, bem traçadas e illuminadas á noite a petroleo.

A nossa gravura apresenta uma das ruas da notavel povoação africana.

O PAPEL E O PERGAMINHO

Capitulo extrahido de *Le livre et les arts qui s'y rattachent*, de M. P. Louisy.

A origem do *livro* desde as folhas impressas e singelamente cosidas, é um problema bastante arduo, mas sobre o qual ainda hoje se pôde discutir. Se, porém, nos quizermos reportar á epocha remota em que a pedra, a madeira, a terra modelada ou um qualquer tecido receberam os primeiros caracteres figurativos, a questão apresenta-se absolutamente

insolavel. Logo que o homem começou a exprimir o seu pensamento pela palavra, devia ter sentido a necessidade, em dadas circumstancias, de fixar essa palavra por meios de signaes convencionados. D'ahi nasceu a escripta ideographica que, gradualmente, e com muita lentidão, sem duvida, se tornou alfabética. O systema dos hieroglyphicos permite seguir, passo a passo, esta ultima transformação. O invento da escripta é, portanto, a origem do livro. De que materiaes se serviram então? Seria preciso emprender uma longa nomenclatura para responder a esta pergunta, porque raras são as substancias que não tenham sido apropriadas para receber a escripta. Pondo de parte o papel, tal como hoje o conhecemos, e cuja historia é relativamente moderna, torna-se indispensavel passar em revista os tres reinos da natureza.

A pedra deve ter sido utilisada em primeiro logar.

Antigos monumentos egypcios e assyrios estão cobertos de hieroglyphicos; muralhas, templos, tumulos, palacios e obeliscos.

A Biblia diz-nos que as *tábuas da lei* dos hebreus eram gravadas em pedra; e a palavra *hebreu*, que significa *escrever*, tem por sentido primitivo *cavar, gravar*. A antiguidade de quasi todos os povos mostra-nos usos idênticos; muito tempo depois de serem conhecidos o papyrus e o pergaminho ainda os gregos e os romanos traçaram na pedra longas inscripções commemorativas, antigo uso inveterado nos costumes e que ainda agora não está de todo extincto. Em Pompéa encontrou-se um calendario gravado em marmore. Gravavam-se assim não só os actos ou as proclamações de importancia, mas ate os simples annuncios officiaes. Algumas cartas lapidares se conservam, que datam da idade media, anteriores, portanto, ao xiii seculo. No Oriente até as pedras preciosas recebiam inscripções; o *gabinete dos antigos*, na bibliotheca nacional de Paris, possui um cone de basalto que se encontrou no Euphrates e que está coberto de caracteres.

O bronze é, entre todos os metaes, aquelle em que com mais frequencia se encontra a escripta. O documento mais importante que n'esse genero conhecemos, consiste em uma mesa de enorme superficie que se encontra no museu de Lyon. Descrevendo-a, diz Egger na sua *historia do livro*: «Está ali a parte mais notavel de uma carta do imperador Claudio dirigida aos cidadãos escolhidos, entre a colonia lyoneza, para entrarem no senado romano». Uma outra mesa de bronze que está no museu de Parma, designada por *mesa alimentar de Trajano*, consta de prescripções relativas ás creanças pobres, e contém materia equivalente a vinte paginas de folio. Mais remotamente, em Italia, na Grecia, no Egypto e em todo o Oriente, as leis eram gravadas em bronze ou em pedra, vendo-se nos templos pequenas placas d'aquelle metal suspensas por cadeias, e tendo gravadas dos dois lados sentenças ou formulas de piedade.

Os judeus escreviam sobre laminas de chumbo; o auctor do poema de Job assim o confirma quando faz dizer ao santo homem:—«Ah! Se as minhas palavras fossem consignadas em um livro com estyete de ferro, se fossem traçadas em laminas de chumbo!».

Estas laminas eram em extremo delgadas, e para as utilisarem enrolavam-naes em volta de um boçado de madeira ou de ferro. E esta a opinião do sábio Geraud. Comtudo, parece que os judeus devem ter conhecido muito cedo o papyrus, por causa das suas relações commerciaes com o Egypto; julga-se que a palavra *Megillah*, que corresponde á latina *rolumen*, lhe era applicavel.

O chumbo, e o bronze empregavam-se na Grecia, para receber inscripções, segundo Pausanias. Os metaes preciosos eram utilizados no Oriente para idêntico fim, no tempo dos imperadores romanos, sendo, porém, desde epocha remota, mais particularmente applicados ao fabrico da moeda. A. J. C.

(Continúa)

Muitas vezes é preciso mais coragem para esperar do que para agir.

LAUDRIOT.

ASSUMPTOS VARIOS

O patriotismo — como eloquentemente o definiu um illustre escriptor brasileiro — é a lei da gravitação applicada ao coração humano, que o obriga a tender sempre para o centro do povo onde nasceu; fluido imponderavel, que electriza de um só choque todos os bons cidadãos de qualquer paiz; laco mystico, que prende em um só nó milhões de individuos; talisman mysterioso, que converte em uma só milhões de idéas; magico poder, que confraternisa as populações de um estado, que reconcilia inimigos rancorosos, que escravisa ambições desenfreadas, que impõe pela patria todos os sacrificios; culto que faz de cada sabio um apóstolo, de cada homem um soldado, de cada mulher um guerreiro, de cada moço um valente, de cada velho um bravo; finalmente, um ventriquo irresistivelmente eloquente, que só o cynico não escuta, que só o egoista não ouve, que só o avarento não attende, que só o idiota não percebe, porque o patriotismo é para o homem que tem senso — o que a sombra é para os corpos expostos á luz; porquanto o homem bem formado exulta com as glorias da sua patria, ufana-se de concorrer para ellas, rejubila-se em as cercar de luz, em tornal-as maiores e mais esplendorosas.

... O trabalho é o prenuncio da gloria do homem, e a gloria do homem é a immortalidade da patria; o trabalho é, emfim, o sorriso da gloria e o crepusculo matutino da victoria. (P. CAVALCANTE—O Centenario de Camões em Pernambuco.)

Considerações feitas ácerca do fanatismo e da hypocrisia, pelo eximio auctor *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal, tentativa historica*:

«O fanatismo tem a nobreza de todas as paixões, ardentes: ergue os olhos para Deus, que calunnia, mas a quem crê servir e honrar: é a tempestade do coração humano, que passa grandiosa como as da natureza, e que deixa após si um sulco de estragos.

«A hypocrisia, suprema perversão moral, é o charco podre e dormente que impregna a atmospherá de miasmas mortíferos, e que salteia o homem no meio de paizagens ridentes: é o reptil que se arrasta por entre as flores e morde a victima descuidada. A civilização nos seus progressos enfraquece gradualmente o fanatismo até o aniquilar.

«A hypocrisia vive com todos e com tudo, e accomoda-se a qualquer grau de cultura social. Se mão robusta lhe rasga o manto da religiosidade de que se cobriu rindo impiamente, e aponta aos que passam as suas pustulas asquerosas, brada contra a calunnia, chora, e declara-se martyr, reservando no peito para os dias propicios vinganças que ultrapassam a offensa, e que, vindas d'ella, são sempre implacaveis.»

Garrett — o iniciador da reforma do theatro portuguez, o fundador da nova litteratura dramatico-histo-

rica'; o que, como poeta, escriptor, parlamentar e diplomata, tanto glorificou o seu nome como honrou a nossa querida Patria—disse, ácerca da politica:

«Quem se vota ao triste, ao penoso, ao amargo officio de escrever de cousas contemporaneas, ou ha de servir um partido, e é um homem sem honra; ou ha de ser homem de bem, e a nenhum agrada, com todos se malquista, de todos será odiado, praguejado, quem sabe se perseguido! A escolha é terrível, mas forcosa: eu ponho socegadoamente a mão na minha consciencia, e bemdigo a Deus de achar n'ella o seguro testemunho, a plena convicção de que não hesito um só momento n'esta escolha. Persegua-me tudo n'este mundo, menos os remorsos; accusam-me todos, menos a minha consciencia. A verdade e a justiça são côxas e lentas, mas chegam um dia: basta-me a mim esse dia, ainda que o veja eu do sepulchro.»

A illustadissima escriptora, sr.^a Alice Coelho, a quem se attribue a publicação do precioso livro *As Mães e as Filhas*, além de outras admiráveis produções, sob o pseudonymo *Caiel*, foi encarregada pelo governo portuguez de visitar os lyceus e as escolas de ensino secundario do sexo feminino em Paris, na Suissa e na Inglaterra. Merece e deve ler-se o respectivo relatório¹, interessando principalmente os pessoas do sexo feminino que se dedicam ao professorado. D'entre os diferentes cursos citados no relatório, apenas extractaremos o que respecta á these² de mademoiselle Schultze, sobre o *doutoramento das mulheres em medicina*, questão que em Portugal vae já tambem sendo debatida.

Ouçamos a preclarissima mentora:

«Não posso deixar de dizer que assisti, com o maior interesse e a maior curiosidade, á defeza, ou, mais verdadeiro, á apresentação em publico d'esta these. A sua auctora talvez por commoção, aliás justificavel, não a defendeu, limitando-se a sorrir incredulamente á argumentação dos tres juizes. É bem natural que contribuissem para embargar-lhe um pouco a voz o tom causticamente ironico e a contestação vigorosa, nua, ligeiramente livre, com que encetou o debate—que a final o não foi—o illustre professor Charcot.

¹ No tocante aos porfiados e importantes trabalhos de Garrett para a creação de um «theatro normal» e de um «conservatorio da arte dramatica», podem ver-se as seguintes obras de dois illustadissimos escriptores:

Manual da historia da litteratura portugueza desde as suas origens até ao presente (1875), pelo sr. dr. Theophilo Braga; e *Auroras da instrução* (1885, 2.^a ed.), pelo sr. D. Antonio da Costa.

Falla-se em erigir uma estatua de bronze (pois que para isso é azado o momento) a Almeida Garrett, e em publicar ao mesmo tempo uma edição popular, constituindo-se d'est'arte o principal monumento ao eximio cantor de Camões. Sobre tão levantado assumpto pôde ler-se o primeiro e excellente artigo do jornal *O Reporter*, n.º 598.

² Veja-se *Appendice* n.º 17 ao *Diario do governo*, 1889.—Como, talvez, nem todos os srs. assignantes do *Diario* o approvem, seria, portanto, conveniente que o respectivo ministerio mandasse fazer uma edição em separado, n'outro formato, e distribuir gratuitamente por todas as escolas do reino e illhas, inclusive as das associações de educação e instrução popular.

³ *Thises pour le doctorat en médecine, présentée et soutenue le 12 décembre, à 1 heure, à la faculté de Médecine de Paris.—La Femme-Médecin au XIX siècle — par Caroline Schultze, née à Varsovia (Pologne) le 20 mai 1867.*

«Não esquecerei nunca a impressão que então senti. Estranho espectáculo—pelo menos assim o foi para mim—o d'aquella mulher de vinte e um annos, de presença suave e ingenua, vestindo uma beca muito negra, com um peitilho engommado, claro, caindo até meio peito, defronte de quatro sabios em medicina, sentada n'um banco de onde se levantaria—*doutora!*...

«Não me era já desconhecida a pouco sympathia que ha em Paris pela causa tão debatida da *mulher-medica*. Tinha tido a honra de conversar a este respeito com o vice-reitor da academia, mr. Octave Gréard, e com o mais acrysolado apostolo da educação da mulher em França, mr. Camille Sée.

«Ouvira dizer, com uma especie de orgulho, que das 114 alumnas que frequentavam a faculdade de medicina em Paris no anno de 1887-1888, só 12 eram francezas, e parecia que nenhuma parisiense. As restantes eram: 70 russas, 20 polacas, 8 inglezas, 1 americana do norte, 1 austriaca, 1 grega, 1 turca.

«Não fiquei, portanto, muito admirada diante da dureza—talvez a verdade me estivesse pedindo outra palavra construida com as mesmas letras—com que o sabio medico Charcot atacou o fundamento da these da joven polaca.

«Essa these, ella não a tinha de nenhum modo defendido. O seu trabalho, revelador de paciente investigação, e de que ella lera o bastante para poder apreciar-o, limitava-se á enumeração de quasi todas as medicas que têm havido nas sociedades modernas. Defeza de qualquer cousa não a continha.

«Mas elle ia dizer-lhe qual a sua opinião. Nunca negara que a mulher tivesse aptidão intellectual para um curso de estudos tão serio como é o da medicina. Não; as mulheres são intelligentes e trabalhadoras. Para ser verdadeiro e imparcial, confessava até ter observado que as alumnas, não só nos cursos como no serviço dos hospitaes, levam muitas vezes a palma aos seus collegas, distinguindo-se por applicação, actividade, paciencia. Ella mesma, mademoiselle Schultze, era uma alumna que honrava a faculdade, tendo atravessado brilhantemente todas as cadeiras.

«Ouvira até fallar bastante da sagacidade dos seus diagnosticos.

«Mas—e aqui via cair por terra todo um enorme edificio de ambições—a mulher, demandando o doutorado em medicina, tinha sempre a empecer-lhe o caminho um enorme obstaculo, o *obstaculo do seu sexo*. Para ser *medica* havia de deixar de ser *mulher*, no sentido natural e fino d'esta palavra; havia de prescindir de qualidades, que na mulher são... imprescindiveis.

«O sabio doutor frisou com mais do que a indispensavel clareza alguns pontos melindrosos da questão, provocando o riso na parte masculina do auditorio, muito menos delicada que maliciosa.

«Em conclusão, elle só admittia a *mulher medica* nos hospitaes de creanças. Fora d'ahi não tinha logar na sociedade. De outro modo, elle só via a mulher despojar-se do seu mais fulgurante prestigio, obedecendo a suggestões da mais mercenaria ambição.

«Não insistia n'estes pontos, porque, nem de leve, quizesse ser desagradavel a mademoiselle Schultze, a quem sinceramente complimentava pelo seu talento.

«O que desejava era deixar bem consignado que a faculdade se não empenhava em entretecer corôas de louro para as *mulheres medicas*, esperançado em que as mais afoutas das suas patricias recuassem diante de obstaculos que realmente deviam considerarse insuperaveis.

«Não resisti a uma breve descripção, que de todo me não pareceu descabida d'este logar.» J. A. DIAS.

LIVROS RECEBIDOS

Do incansavel e consciencioso investigador e publicista Seabra de Albuquerque recebemos mais um volume da sua sempre curiosa *Bibliographia da imprensa da universidade de Coimbra*, relativa a 1888.

Como de costume, ha n'este novo trabalho do sr. Seabra muitas indicações uteis e notas interessantes com respeito aos trabalhos saídos da imprensa da universidade, tantos d'elles escriptos por homens eminentes da sciencia e da litteratura portuguezas.

Muito penhorados agradecemos ao auctor a offerta da sua, por mais de um titulo, apreciavel publicação, que vae já no seu 17.^o anno, e á qual desejámos uma larga e prospera existencia.

A LUNDA

Acabámos de receber e folhear este novo trabalho do indefesso e eminente africanista, o sr. major Henrique Augusto Dias de Carvalho.

É uma longa e interessante memoria sobre os estados do Muataiánvua, domínios da soberania de Portugal, e as paginas, que até escrever esta noticia, conseguimos ler, denunciaram-nos logo o valor, a sinceridade e a competencia do benemerito explorador.

Indefesso lhe chamámos nós, e em verdade custa a crer como em meio da indolencia que nos caracteriza a todos, ha um homem que n'um tão curto espaço de tempo tem tido ensejo e vagar para colligir e publicar tres grossos volumes sobre a expedição a esse Muataiánvua, de que tambem tentam espoliar-nos agora, mais esta extensa memoria que temos diante dos olhos, e refutações aos assertos errados ou insidiosos que no estrangeiro se têm publicado!

E tudo isto modestamente, despretenciosamente, quasi obscuramente!

Não é a primeira vez que nos referimos aqui ao patriótico africanista, e que saudámos a sua sympathica individualidade.

Hoje, na impossibilidade de sermos mais extensos, diremos apenas que das passagens que do seu recente livro podemos tomar nota, algumas quasi nos fizeram marejar os olhos por vermos a sincera dedicação e o entusiastico amor que n'ellas palpa por todo o que é e deve ser portuguez.

Esperámos poder occupar-nos mais detidamente dos trabalhos d'este consciencioso explorador, trabalhos tão cheios de sciencia e tão repassados de seriedade; mas não quizemos demorar os nossos agradecimentos á gentileza que para connosco elle teve, offerecendo-nos um exemplar da memoria *A Lunda*; nem, como portuguezes, deixar de saudar a obra patriótica e generosa de um batalhador emerito,

que tão digna e tão levantadamente honra o nome da nação de que é filho.

Assim todos quizessemos ou soubessemos imital-o...

O NOVO LIVRO DE ANTONIO FEIJÓ

Publicámos hoje duas poesias do novo livro do distincto poeta das *Lyrrias* e *Bucolicas*, que devemos á sua gentileza, e que pelos leitores e por nós muito agradecemos.

O *Cancioneiro Chinez* é um conjunto de traducções dos poetas do Celeste Imperio, e todo elle está feito com o esmero de fórma e com a consciencia d'arte que caracterisam todos os trabalhos de Antonio Feijó.

CANCIONEIRO CHINEZ

A ESCADARIA DE JADE

(Li-Tai-Pé)

Do plenilunio á doce claridade,
formosa e moça, a Imperatriz subia
a grande escada artistica de jade,
que o relento da noite humedecia.

A fimbria do vestido, que tocava
muito de leve nos degraus sem fim,
n'esse beijo tenuissimo igualava
a côr do jade á alvura do setim.

O luar vagabundo e somnolento
tinha invadido a camara tranquilla,
e n'aquelle immortal deslumbramento
a Imperatriz extatica vacilla...

Nas cortinas, as perolas doiradas,
andavam n'um radioso turbilhão,
em diamantes enormes transformadas,
disputando esse esplendido clarão.

E no chão marchetado e reluzente,
na ineffavel brancura do luar,
parecia que andava doidamente
uma ronda d'estrellas a dançar!

O PAVILHÃO DE PORCELANA

(Li-Tai-Pé)

De porcelana verde e nacarada,
no lago o esbelto pavilhão se erguia,
para o qual uma ponte recurvada
como o dorso d'um tigre, conduzia.

Varios amigos bebem lentamente,
n'esse elegante pavilhão reunidos,
taças d'um vinho capitoso e ardente,
de seda clara e de setim vestidos.

Trocam, sorrindo, espirituosos ditos,
versos compondo e rimas combinando,
e inclinam os chapéus, e esquecem ritos,
as mangas do vestido arregaçando.

E no espelho do lago silencioso,
em que a ponte de jade reflectida
parecia o crescente luminoso,
— varios amigos que o prazer convida

a beber pelas taças espumantes,
conversam no invertido pavilhão,
com os amplos vestidos fluctuantes
e as cabeças voltadas para o chão.

ANTONIO FEIJÓ